

Junia Barreto

O Imaginário do ogro em  
*Han d'Islande*, de Victor Hugo

## Resumo

O fecundo imaginário hugoano em torno do monstruoso se constitui de imagens, personagens, temas, conceitos e valores diversos. Da mitologia e lendas aos fatos políticos e à crítica da sociedade de seu tempo, o monstro hugoano se nutre das mais variadas figuras, dentre as quais, a do ogro. Tornado célebre pelos contos de fada, notadamente pelas estórias advindas da cultura popular e celebrizadas sobretudo por Charles Perrault, tal figura será evocada a diferentes propósitos por Victor Hugo em seu romance de juventude, *Han d'Islande*. Interessa-nos aqui investigar e refletir a respeito do uso feito por Hugo, na obra, do arquétipo do ogro. Mera reprodução do personagem dos contos de fada ou poder-se-ia pensar em outros fins e representações, mesmo de cunho paródico e lúdico, como imprime o poeta em seu poema/conto sobre o amor, vivenciado por um ogro e uma fada, escrito quarenta anos mais tarde, durante o exílio.

**Palavras-chave:** imaginário; monstro; ogro; Victor Hugo; *Han d'Islande*

## Résumé

L'imaginaire hugolien, si fécond à propos du monstrueux, se compose d'images, de personnages, de thèmes, de concepts et d'idées diverses. De la mythologie aux légendes et des événements politiques à la critique de la société de son époque, le monstre hugolien se nourrit des figures les plus variées, parmi lesquelles celle de l'ogre. Rendue célèbre par les contes de fées, et spécialement par des histoires venues de la culture populaire et magnifiées surtout par Charles Perrault, cette figure sera évoquée à divers propos par Victor Hugo dans son roman de jeunesse, *Han d'Islande*. Nous nous proposons ici de rechercher et d'analyser l'usage fait par Victor Hugo dans cette œuvre de l'archétype de l'ogre. Simple décalque du personnage des contes de fée, ou bien peut-on déjà penser à d'autres orientations et représentations, même d'esprit parodique et ludique, ainsi que le fixe le poète dans son poème/conte sur l'amour éprouvé par un ogre pour une fée, qui fut écrit quarante ans plus tard en exil ?

**Mots-clés :** imaginaire; monstre; ogre; Victor Hugo; *Han d'Islande*

Quiconque est amoureux est esclave et s'abdique.  
L'amour n'est pas l'amour ; il s'appelle Ananké.  
Si l'on ne veut pas être à la porte flanqué,  
Dès qu'on aime une belle, on s'observe, on se scrute ;  
On met le naturel de côté ; bête brute,  
On se fait ange ; on est le nain Micromégas ;  
Surtout on ne fait point chez elle de dégâts ;  
On se tait, on attend, jamais on ne s'ennuie,  
On trouve bon le givre et la bise et la pluie,  
On n'a ni faim, ni soif, on est de droit transi ;  
Un coup de dent de trop vous perd. Oyez ceci :

Un brave ogre des bois, natif de Moscovie,  
Était fort amoureux d'une fée, et l'envie  
Qu'il avait d'épouser cette dame s'accrut  
Au point de rendre fou ce pauvre cœur tout brut :  
L'ogre, un beau jour d'hiver, peigne sa peau velue,  
Se présente au palais de la fée, et salue,  
Et s'annonce à l'huissier comme prince Ogrousky.  
La fée avait un fils, on ne sait pas de qui.  
Elle était ce jour-là sortie, et quant au mioche,  
Bel enfant blond nourri de crème et de brioche,  
Don fait par quelque Ulysse à cette Calypso,  
Il était sous la porte et jouait au cerceau.  
On laissa l'ogre et lui tout seuls dans l'antichambre.  
Comment passer le temps quand il neige en décembre.  
Et quand on n'a personne avec qui dire un mot ?  
L'ogre se mit alors à croquer le marmot.  
C'est très simple. Pourtant c'est aller un peu vite,  
Même lorsqu'on est ogre et qu'on est moscovite,  
Que de gober ainsi les mioches du prochain.  
Le bâillement d'un ogre est frère de la faim.  
Quand la dame rentra, plus d'enfant. On s'informe.  
La fée avise l'ogre avec sa bouche énorme.  
As-tu vu, cria-t-elle, un bel enfant que j'ai ?  
Le bon ogre naïf lui dit : Je l'ai mangé.

Or, c'était maladroit. Vous qui cherchez à plaire,  
Jugez ce que devint l'ogre devant la mère  
Furieuse qu'il eût soupé de son dauphin.  
Que l'exemple vous serve ; aimez, mais soyez fin ;  
Adorez votre belle, et soyez plein d'astuce ;  
N'allez pas lui manger, comme cet ogre russe,  
Son enfant, ou marcher sur la patte à son chien.

Victor Hugo, [ ], 1861, *in Toute la Lyre*, VII, 11

O ogro é um personagem monstruoso tradicional dos contos populares e das lendas, presente em inúmeras narrativas das mais diferentes culturas, principalmente as ocidentais. A figura desse ser imaginário e lendário foi bastante explorada no decorrer

---

\* Junia Barreto – Professora da Universidade de Brasília

dos séculos, não apenas nos contos de outrora, mas também nas histórias contemporâneas, oferecendo-nos como imagem arquetípica um personagem imponente e assustador, que se alimenta de carne fresca e sobretudo da carne de crianças. Ele pode ceder seu lugar ao *bicho-papão* na cultura popular brasileira, à ogra, à bruxa, ao gigante, ao dragão devorador, etc.

Mas é certo que a representação do ogro na literatura não se realiza unicamente por meio dos contos de fadas; tendo o imaginário de vários poetas e romancistas se apropriado de sua figura como fonte de inspiração, a fim de criar personagens particulares à imagem da figura feérica.

Trata-se, portanto, de mostrar o uso explícito e também implícito da figura do ogro feita por Victor Hugo, para compor os personagens Han e Orugix do romance *Han d'Islande* (1821). Essa apropriação da figura do ogro não implica necessariamente a reprodução idêntica das características encontradas na figura dos contos de fadas, ao contrário, constatamos que a liberdade criativa, a diferença e o distanciamento propostos na constituição dos personagens hugoanos atestam a originalidade e a independência do autor com relação ao imaginário feérico convencional.

Da representação tradicional constituída por Charles Perrault às particularidades das formas caricaturais de Hugo, nosso objetivo é mostrar que a figura do ogro povoou o imaginário presente no texto hugoano em suas formas mais diversas.

### Sobre as fontes do personagem e o histórico da palavra ogro

Se recuarmos no tempo e examinarmos a mitologia grega, encontraremos a figura do Titã Cronos (do grego Krónos), que se tornou Saturno entre os romanos, filhos de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), mito que poderia muito bem-estar nas origens da criação do personagem feérico do ogro, uma vez que, na lenda, preocupado em perder o poder, o Titã Cronos acaba engolindo seus próprios filhos e é punido por seus atos, sendo jogado no Tártaro<sup>1</sup>. Cronos é uma figura poderosa, cruel, colérica, mas fácil de ser

---

<sup>1</sup> A versão mais antiga da lenda de Cronos nos é relatada por Hesíodo na Teogonia. O aspecto infanticida de Cronos o associa a Saturno, o Deus romano a quem ele foi identificado. Diz essa tradição que, dentre os filhos de Urano e Gaia, os mais inteligentes foram os Titãs e as Titânides. Cronos torna-se seu rei e desposa sua própria irmã, Reia. Gaia havia se queixado junto a ele quanto ao tratamento que lhe infligia Urano e aos ataques intermitentes para fecundá-la: ele havia banido para as entranhas de Gaia os Gigantes de cem braços (Hecatônquiros) e os Ciclopes, enquanto ela se preparava para colocá-los no mundo. Gaia então deu a Cronos uma foice de sílex com a qual atacou Uranos, quando este foi se juntar

enganada – ele comeu uma pedra acreditando que fosse seu filho Zeus, características que encontramos igualmente no ogro. As diferentes tradições em torno dessa divindade poderiam ter povoado o imaginário dos autores que criaram e colocaram em prática a figura literária do ogro.

Se nos interessarmos pela história da palavra *ogro*, descobriremos que o uso desse substantivo masculino é “atestado desde o século XII” (1181-1901) e de origem incerta: talvez seja a alteração por metátese do ‘r’ sob a influência de palavras como *bougre*<sup>2</sup> e “orc”, representante não atestado do latim *Orcus*. Esta última traduz o nome de uma divindade infernal e é igualmente empregada, por extensão, para designar os infernos e a morte; palavra ela mesma de origem desconhecida, talvez emprestada do etrusco. Essa hipótese é apoiada pela existência de representantes romanos, como em italiano *orco*, “Bicho-papão”, em sardo *orcu*, “demônio”, em catalão *orc*, “pessoa embaraçosa”. Ademais, um sermão pronunciado por Santo Elígio e dirigido contra as superstições pagãs proibia evocar os nomes de quatro deuses romanos, *Netuno* (→ diabrete), *Orco*, *Diana* (na origem, do francês antigo, *gene*, “fada malfeitora”) e *Minerva*. Além dessa hipótese, é preferível aquela que remete *ogro* a húngaro [em francês, *Hongrois*], em razão das devastações causadas pelos “húngaros” (*Hongres, ouïgours*)<sup>3</sup> no Ocidente da Idade Média. Em ambos os casos, “a forma atual é dificilmente explicada”, segundo o *Robert Dictionnaire Historique* (REY, 2447,8, tradução nossa).

A palavra *ogro* é “primeiramente atestada ao se falar de um pagão feroz, em seguida com seu sentido atual, um ‘gigante de contos de fadas que se alimenta de

---

a ela, e o castrou. Cronos reinou no lugar de Urano, mas logo se tornou tão brutal quanto seu pai. Ele novamente aprisionou os Gigantes e os Ciclopes na terra, e, tendo sido advertido por sua mãe que um de seus filhos o destronaria da mesma forma que ele destronou seu pai, ele os engoliu um por um à medida que nasciam. Reia deu à luz sucessivamente a Héstitia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Cronos consegue comer todos, exceto Zeus, que Reia havia confiado a Gaia – ela o substituiu por uma pedra envolta por fraldas, que seu pai engoliu em seu lugar. Zeus foi criado em segredo pelas ninfas do monte Dícti, em Creta. Mais tarde desposou a Oceânide Métis, a qual ele a persuadiu a dar a Cronos um vomitivo, a fim de que ele restituísse os outros cinco filhos. Sucedeu-se uma guerra e Cronos acabou destronado por Zeus, por seus próprios filhos e com a ajuda dos Gigantes e dos Ciclopes, libertos por Zeus. Cronos foi jogado nas profundezas do Tártaro, onde ficou guardado pelos Hecatônquiros. Antes de vomitar seus filhos, Cronos havia devolvido a pedra que havia substituído Zeus. Essa pedra foi erguida em Delfos para marcar o centro do mundo (Ônfalo).

<sup>2</sup> Nota do tradutor (NT): *bougre*, em francês, é o nome de alguns heréticos, sodomitas; no francês comum, indivíduo ou tipo galhofeiro, velhaco

<sup>3</sup> NT: em francês, *hongre* é o cavalo castrado, sendo o uso de castrar o cavalo originário da Hungria. Uigur, uigure (port.), é um povo de origem turcomena que habita principalmente a Ásia Central; *Ouïgour* ou *ouïghour* (em francês) é o povo, mas também a língua turca falada na Ásia Central – na China (Xinjiang), no Cazaquistão, no Uzbequistão e no Quirguistão.

carne humana”<sup>4</sup>. O feminino *ogresse*<sup>4</sup> [ogra] se impôs a partir do conto do *Pequeno Polegar* de Charles Perrault (1697), suplantando a forma *ogrine*, que parece ser anterior (atestada em 1694). No século XVIII, ogro desenvolveu o sentido figurado de “pessoa voraz” na locução comparativa *il mange comme un ogre* [ele come como um ogro] (1740), depois, metaforicamente (*c’est un ogre* [(é) um ogro] (1819). Diz-se também de uma pessoa temível por sua crueldade, que causa medo (1740). Esse valor foi explorado no apelido dado a Napoleão I por seus inimigos, “o Ogro de Córsega” (REY, 2448).

Em sua forma francesa, a palavra *ogro* aparece nos textos literários, primeiramente na obra de Perrault, nos *Contes de ma mère l’Oye* [Contos da Mamãe Gansa], em 1697, sendo retomado no ano seguinte pela condessa de Aulnoy em *L’Oranger e l’Abeille* [A Laranjeira e a Abelha].

### A figura do ogro e o imaginário feérico

O papel do personagem do ogro nos contos de fadas é recorrente e essencial: se, por um lado, ele se ancora na tradição, por outro, é imprescindível para a intriga. O ogro é, portanto, um personagem digno de interesse e sua figura foi, então, popularizada por Charles Perrault.

Dotado de um físico particular e frequentemente próximo do monstruoso, o ogro pode ser mal e sem piedade, mas às vezes seu comportamento é relativamente amedrontador, assim como sua força, sua inteligência ou seu comportamento. No entanto, sua imagem é normalmente caracterizada como a de um bruto gigante, peludo, pouco inteligente e cruel. O ogro se assemelha mais comumente a um ser de estatura gigantesca, pavoroso e horrível, com nariz curvo e dentes afiados (para comer suas vítimas ainda cruas), com uma boca grande, mandíbulas impressionantes, mãos maciças, cabelos emaranhados, um olfato bem desenvolvido, uma visão não muito eficaz e orelhas pontudas, como as de um asno. Tem todas as características do feio, do abominável e do vil. É com frequência sujo, mal-educado, guloso, barulhento, roncador e malvestido. Digamos que o ogro é geralmente pintado como um dos piores seres que possam existir, pois ele se mostra como mau, repugnante e canibal. No que

---

<sup>4</sup> *Ogresse* passou a ser empregado como gíria no século XIX para designar a dona de um bordel, de um estabelecimento com má reputação.

concerne ao seu lado *canibal*, é preciso especificar que ele tem um apetite voraz e que come crianças: as que estão em boa saúde e de preferência bebês com carne macia. Ele as prepara com cuidado e faz de seu canibalismo quase um ritual gastronômico *gourmet*. Esse canibalismo, que engorda seu corpo e o faz crescer até transformá-lo em gigante, é acompanhado por uma profusão de poderes excepcionais e de riquezas, como o dom da mobilidade extrema, o da metamorfose e mesmo o comando.

Nos contos, o ogro mora seja em uma casa grande e magnífica fora da cidade, às vezes em um castelo, seja em uma cabana, uma caverna, um porão, uma gruta, um antro lúgubre ou mesmo em uma floresta. O personagem geralmente vive só, mas pode viver com sua família. O ogro pode ter filhos (nesses casos, eles são bem numerosos: entre três e sete), mas estes não são necessariamente ogros. Aliás, o ogro tem, frequentemente, problemas com sua progenitura – no *Pequeno Polegar* de Perrault, por exemplo, o ogro degola suas próprias filhas. O interior de sua morada é geralmente rudimentar e bastante sinistro. O ogro vai à caça constantemente, pois precisa ter sua porção de criancinhas e de carne fresca necessária à sua sobrevivência. As versões contam que ele rouba galinhas nas vilas e frutas nos pomares; que ele detesta legumes; que engole farinha de aveia; que bebe suco de urtiga com alho e dentes-de-leão, e, evidentemente, que devora menininhas no café da manhã. Sempre esfomeado ou colérico, o discurso do ogro é marcado por frases que caracterizam a glotonaria e a selvageria: “Estou com uma fome de lobo!”, “Falta carne fresca!”, “Coma que eu te como!”, “Estou sentindo cheiro de carne fresca aqui!”.

O ogro está invariavelmente no centro do conto e ele amedronta com a sua força, sua intimidação, sua aparência, suas roupas ou seus acessórios, às vezes cruéis, aterrorizadores e indispensáveis (bastões, facas, etc.). Apesar de seu tamanho, seu apetite desmedido e às vezes suas riquezas e uma posição social elevada – o que acrescenta em seu aspecto temível, o ogro se deixa facilmente ser enganado, como já evocamos, seja por um gato, por um garotinho ou por um mordomo. Em Perrault, o gato de botas consegue, sem nenhuma dificuldade, convencer o ogro a se transformar em gato, e o pequeno Polegar troca seu gorro e os de seus irmãos pelas coroas das filhas do ogro, o que o levará a matá-las. O ogro geralmente é punido por seus atos, como em *O Gato de Botas*, em que é devorado pelo gato, ou em *A Bela Adormecida*, em que a ogra acaba em um caldeirão fervilhando de serpentes. Porém, para vencer o ogro, é preciso ser mais esperto e mais corajoso do que ele. Nos contos de fadas, a figura

do ogro seria a imagem do medo materializada, em geral buscando advertir as crianças. O ogro funcionaria como o reflexo da autoridade do pai, colocando em prática uma moral qualquer: os mais fortes nem sempre ganham; deve-se evitar fazer julgamentos sem conhecer; deve-se aceitar os outros como eles são; a união faz a força; é preciso ver além das aparências, etc.

O arquétipo da figura do ogro que povoa o imaginário literário coletivo foi construído ao longo do tempo, por meio de uma multiplicidade de textos, tanto na permanência quanto no distanciamento, tanto na repetição quanto na divergência de sua representação, de suas características, atributos e significações.

### As figuras do ogro e o imaginário hugoano em *Han d'Islande*

Victor Hugo escreve em 1821, aos 18 anos, seu romance de juventude *Han d'Islande*. No texto, não temos um personagem que encarna exatamente a figura tradicional do ogro, mas temos dois tipos cujas características nos revelam que o ogro fazia parte do imaginário de Hugo, estando presentes nas fontes criativas que produziram dois personagens, Han e Orugix.

Han é um personagem plural e intangível. Ele é um estrangeiro vindo da Islândia que rumou à Noruega, país onde ele é considerado como monstro temível que comanda “todos os poderes das trevas”. Atribuem-lhe todo tipo de lendas e histórias sórdidas ou misteriosas, como aquela que o identifica como “uma besta com rosto humano que bebia sangue, sentada sobre pilhas de mortos”<sup>5</sup> (HUGO, p. 208). Os vários elementos que gravitam em torno da figura de Han d'Islande lembram as diferentes representações da figura do ogro e, porque não, as diferentes tradições existentes sobre o divino Cronos<sup>6</sup>. O personagem de Han é colérico como o do ogro e o Titã Cronos, e sente ódio pelos seres humanos. Ele tenta a qualquer preço vingar a morte de seu filho único, pois sua progenitura seria a única capaz de assegurar sua descendência (nesse caso, ele estaria, no sentido contrário do movimento feito por Cronos, o qual queria exterminar sua descendência).

---

<sup>5</sup> NT: Tradução nossa

<sup>6</sup> Na tradição religiosa órfica, Cronos aparece reconciliado com Zeus; é então o advento de uma era de paz e de abundância, chamada Idade de Ouro.



Constatando o poder da extrema mobilidade do ogro com as botas de sete léguas em *O Pequeno Polegar*, parece interessante ressaltar que o bandido de Hugo é inexpugnável: “é um demônio que não se saberia evitar nem alcançar: o que pode acontecer de mais feliz aos que o procuram é não encontrá-lo” (HUGO, p. 51). “Ele nunca se esconde, ele sempre vagueia”<sup>7</sup> (HUGO, p. 47). O narrador nos parece dar no enredo o dom da ubiquidade a essa criatura, fazendo-a surgir por toda parte, em todo momento. Han se desloca sem parar nos diversos lugares sociais, a fim de despertar a barbárie da civilização.

É importante sublinhar que a moradia de Han, gruta fatal, lúgubre e horrível, característica também da habitação do ogro, é exatamente o lugar do poder real de outrora. A aproximação entre monstruosidade e regência é um outro ponto de similitude com o imaginário feérico e com a figura do ogro. É preciso considerar o papel da ogra em *A Bela Adormecida* de Perrault, no qual ela é nada menos do que a rainha.

Han d’Islande é apresentado ao leitor como um famoso celerado de origem obscura, descendente de Klipstadur, neto de Ingolphe, o exterminador, e da *feiticeira* Thoarka (símbolos da intervenção de forças fantásticas na gênese), que, segundo a lenda, seria o último de uma série de herdeiros únicos, detentor de um espírito infernal e misantropo. O fato de ser filho de uma feiticeira e de uma figura com aparência fabulosa mostra bem que o personagem de Hugo não sai de um mundo à imagem da realidade, ao contrário, vemos claramente a contaminação existente com o imaginário fantástico. Han aparece como o último sobrevivente dos séculos bárbaros, aquele que suportará o peso de seu fracasso em continuar a *espécie*, não conseguindo perpetuar a linhagem de Ingolphe, ao engendrar um sucessor – já destacamos aqui que o ogro tem, geralmente, problemas com sua progenitura.

A aparência do personagem Han se iguala a um disfarce carnavalesco de um vândalo paleolítico. Mesmo se, no quesito do tamanho, a descrição de Han é o contrário da imagem arquetípica do ogro - de proporções gigantescas, a imagem horrível e apavorante das duas figuras se repete. Han é apresentado como que *disfarçado* em homem selvagem: “um homem baixo, espesso e robusto, vestido dos pés à cabeça com peles de todos os tipos de animais, ainda pintadas com sague seco (...); suas mãos

---

<sup>7</sup> NT: Traduções nossas

estavam cobertas com grossas luvas de pele de raposa do ártico” (HUGO, 34)<sup>8</sup>. Quando Han revela sua verdadeira identidade no tribunal, zombam de sua pequenez, assim como de suas roupas extravagantes (ele é tão malvestido quanto o ogro), comparadas com um “terno de foca da Groenlândia”, “envolto por um tecido trançado de junco e de pelo de foca” (HUGO, 244)<sup>9</sup>.

As pessoas da comunidade local construíram em seu imaginário uma imagem de Han que não corresponde àquela ordinária de um homem pequeno, horrendo, barbudo e ágil. Ser pequeno é ser imperceptível. Logo, tomavam-no sempre por outro. Não o percebiam. Acreditavam que era grande, à imagem de um gigante bastante poderoso, o que melhor corresponde à imagem que se faz do ogro. Apesar da diferença entre os tamanhos do personagem de Han e do ogro (que se opõe ao de Han), a descrição física apavorante do personagem de Hugo se aproxima em muito da do gigante (as mãos, os cabelos abundantes, a barba, a robusteza), mas seu físico não teria nada de anormal ou monstruoso se não fossem seus braços disformes, com suas grandes mãos (as mãos do ogro são tão maciças quanto às suas), armadas com unhas horrorosas, longas, duras e retorcidas como as de uma besta selvagem. Han, em princípio, desprezível com sua insignificante pequenez, esconde o formidável e audacioso monstro da Islândia, com suas características ligadas à selvageria e à extrema crueldade; seu olhar sinistro, seu ar sempre debochado e sua inacreditável agilidade de camurça<sup>10</sup>. Enquanto o ogro se deixa enganar facilmente, Han d’Islande é mais astuto e mais inteligente do que seus adversários e suas presas, mesmo se ele termina, de certa forma, sendo punido por seus atos ao final do romance (ele teria dado fim à sua vida).

Parece haver uma tradição entre aqueles da raça de Han, que faz com que o descendente beba, no crânio do pai, o sangue dos homens e a água dos mares. Han bebe sangue humano e se regozija, pois é assim que ele mata sua sede, como um vampiro. Tal como o vampiro Drácula, Han passa por toda parte, sabe tudo, é onipresente. Segundo as diversas definições, um vampiro é um ser humano morto que não conhece o descanso, mas vive de uma forma fantasmagórica e necessita beber sangue humano para sobreviver<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> NT: tradução nossa

<sup>9</sup> NT: tradução nossa

<sup>10</sup> NT: mamífero semelhante às cabras encontrado nos Alpes e em outras montanhas da Europa e Ásia.

<sup>11</sup> O termo *vampir* designa, no âmbito cultural eslavo, um ser mitológico caracterizado por duas funções: beber o sangue humano e comer os corpos.

Se a narrativa não nos assegura completamente quanto ao rosto vampírico de Han d'Islande (o personagem não é um morto vivo, é um vivo sanguinário que evoca o vampirismo), ele testemunha o gosto irônico do jovem Hugo de mergulhar nesse universo sanguinário, misterioso, de certa forma sobrenatural e fantástico.

Mesmo se o vampiro não come a carne humana como o ogro faz, ele se alimenta do sangue daqueles de sua espécie, o que também se insere na noção de canibalismo, aproximando, mais uma vez, o personagem de Hugo ao imaginário que compõe a figura literária do ogro. A narrativa do conto *O Pequeno Polegar*, de Perrault, nos conta que as sete filhinhas ostras do ogro “ainda não eram muito más; mas prometiam muito, pois já mordiam as criancinhas para sugar seu sangue”<sup>12</sup>. No conto, sugar o sangue se apresenta como o estágio precedente ao canibalismo.

Han é fisicamente um homem bem pequeno, de fato, mas também é um autêntico super-homem, uma vez que é detentor de uma força extraordinária, como os vampiros, força que também é uma característica do ogro. Han tem a bestialidade e a energia de um *verdadeiro* vampiro, capaz de afrontar cara a cara as bestas selvagens:

Il s'arma d'une pierre tranchante, s'accroupit sur le corps chaud et palpitant du loup, rompit les jointures des membres, sépara la tête des épaules, fendit la peau dans toute sa longueur sur le ventre, la détacha comme on enlève une veste, et en un clin d'œil le formidable loup du Smiasen n'offrit plus qu'une carcasse nue et ensanglantée.<sup>13</sup> (HUGO, p. 142)

Han diz que bebeu o sangue de Frédéric d'Ahlefeld, com o objetivo de vingar a morte de seu filho Gill Stadt. “D'Ahlefeld! Espere, sim, eu o conheço. Ontem bebi o sangue de seu filho no crânio do meu”.<sup>14</sup>

O sangue é um líquido precioso. É o símbolo da força vital e sua perda por ferimento constitui, por vezes, um perigo mortal. Desde sempre o homem povoou seu imaginário com indivíduos irrealistas sedentos por sangue. A mitologia greco-latina comporta um grande número de divindades sanguinárias de aparência feminina como

---

<sup>12</sup> NT: tradução nossa.

<sup>13</sup> NT: Ele se armou com uma pedra afiada, ajoelhou-se sobre o corpo quente e palpitante do lobo, rompeu a ligadura dos membros, separou a cabeça dos ombros, rasgou a pele da barriga em todo o seu comprimento, despreendeu-a como se tirasse um casaco e, em um piscar de olhos, o formidável lobo do Smiasen não oferecia mais do que uma carcaça nua e ensanguentada. Tradução nossa.

<sup>14</sup> NT: tradução nossa. Em francês: « D'Ahlefeld! Attends, oui, je le connais. J'ai bu hier le sang de son fils dans le crâne du mien. » [HUGO, 165]

as empusas, as lâmias, as estriges<sup>15</sup>. Com o cristianismo, a significação do sangue é enriquecida: o sangue não é mais apenas o símbolo do sacrifício, mas fonte de ressurreição: “Sim, minha carne é verdadeiro alimento, meu sangue é bebida. Quem mastiga minha carne, quem bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele”<sup>16</sup>. Poderíamos então dizer que o mito do vampiro (ou mesmo a lenda do canibal) imprime o mesmo símbolo, mas inverte as conotações: a *ressureição* tornando-se *danação*?

Na escrita do jovem Hugo, datada do início do século XIX, assinalamos, pela representação de histórias fantásticas e pela criação de mitos sanguinários, um eco com aquelas e aqueles que povoaram todo o Século das Luzes, no que concerne ao vampiro. A figura do vampiro para o jovem Hugo acompanha então o momento em que a literatura redescobre o mito. Porém, Hugo também retoma a época de glória dos contos de fadas, o Grande Século, esgotando explicitamente todo seu imaginário no que tange à figura do ogro propriamente dita, com quem é identificado Han d’Islande:

Oh ! oh ! comme ce bon Lory croit aux contes d’enfants ! C’est bien, gardez votre sérieux, mon cher Bollar ; vous êtes admirablement drôle. Mais vous ne nous direz pas quel est ce monstre, cet ogre, ce vampire qui a emporté et mangé le lieutenant comme un chevreau de six jours !! (HUGO, 172)<sup>17</sup>

182

No decorrer da narrativa, o personagem não para de reivindicar a prática de sucção de sangue, evocando o prazer que sente ao fazê-lo. Além de suas pulsões vampirescas, Han confessa igualmente a prática do canibalismo, indo além dos atributos do vampiro e se aproximando sobretudo daqueles do ogro, o que podemos perceber na conversa com Orugix. Nosso herói bárbaro e o carrasco do Drontheimhus, não menos bárbaro, disputam com determinação para saber quem é o mais abjeto. Verdadeira competição de horrores marcada por um tom irônico, no decorrer da qual Han vai dizer que ele, assim como o ogro, engole crianças:

---

<sup>15</sup> Mulheres com corpo de pássaro que se embebedam com sangue de recém-nascidos e esgotam a vitalidade dos rapazes durante seu sono.

<sup>16</sup> NT : Oui, ma chair est vrai aliment, mon sang est vrai breuvage. Qui mâche ma chair, qui boit mon sang, demeure en moi, et moi en lui. Tradução nossa. Evangelho de João, capítulo 6, versículo 55-56. (CHOURAQUI, 2075).

<sup>17</sup> NT: Oh! Oh! Como esse Lory acredita nos contos de crianças! Tudo bem, segure o riso, meu caro Bollar; o senhor é admiravelmente engraçado. Mas o senhor não nos dirá qual é esse monstro, esse ogro, esse vampiro que carregou e comeu o tenente como um cabrito de seis dias. Tradução nossa

- Mon ami, tu as raison, c'est un bel état que le nôtre. Ah !... ma main sait ce que pèse la tête d'un homme.
- As-tu quelque fois bu du sang ? demanda le brigand.
- Non ; mais j'ai souvent donné la question.
- As-tu quelquefois dévoré les entrailles d'un petit enfant vivant encore ?
- Non ; mais j'ai fait crier des os entre les ais d'un chevalet de fer ; j'ai tordu des membres dans les rayons d'une roue ; j'ai ébréché des scies d'acier sur des crânes dont j'enlevais les chevelures ; j'ai tenaillé des chairs palpitantes, avec des pinces rougies devant un feu ardent ; j'ai brûlé le sang dans des veines entr'ouvertes, en y versant des ruisseaux de plomb fondu et d'huile bouillante.
- Oui, dit le brigand pensif, tu as bien aussi tes plaisirs. <sup>18</sup> (HUGO, p. 258)

Há ainda outra referência ao canibalismo no texto registrado nas notações semiapagadas dos pergaminhos de Spiagudry, mestre no necrotério, no qual ele menciona que: “em Noukahiva<sup>19</sup>, em tempos de fome, os homens comem suas mulheres e suas crianças”<sup>20</sup> (HUGO, 249). Isso serve apenas para ilustrar a bizarrice que envolvia o ex-mestre da hotelaria dos mortos e sobretudo para desvelar a fixação do autor pela figura do ogro, comedor de criancinhas, figurante de terras longínquas e situadas noutro lugar.

O nome “Han” poderia ser o diminutivo de Hannibal<sup>21</sup>, um dos maiores chefes de guerra da Antiguidade; nome que lembra o substantivo canibal, característica principal do ogro. Han também é uma onomatopeia, designando um grito surdo e gutural resultando em um grande esforço. Han nos remete a *hi-han* do asno(a), animal

---

<sup>18</sup> NT: - Meu amigo, você tem razão, é um belo estado, o nosso. Ah!... minha mão sabe o quanto pesa a cabeça de um homem.

- Você alguma vez já bebeu sangue? - perguntou o bandido.

- Não; mas sempre me fiz a pergunta.

- Você alguma vez já devorou as entranhas de uma criancinha ainda viva?

- Não; mas fiz ossos rangerem entre as tábuas de um cavalete de ferro; torci membros nos aros de uma roda; estraguei serras de aço em crânios de que eu tirava os cabelos; torturei carnes palpitantes com pinças avermelhadas diante de um fogo ardente; queimei o sangue em veias entreabertas, despejando filetes de chumbo e óleo fumegante.

- Sim, disse o bandido pensativo, você também tem os seus prazeres. Tradução nossa

<sup>19</sup> Noukahiva (Nuku-Hiva), nas Ilhas Marquesas, atual Polinésia francesa (territórios ultramarinos), foi colonizada pelos franceses principalmente no século XVIII. Somos informados pelo próprio Hugo (ver Hugo, “La déportation”, *Actes et Paroles I, Œuvres Complètes*, Politique, Paris, Robert Laffont, 2002, p. 228), que transformaram a ilha em território de aprisionamento durante o exílio (forte de Vaithau), substituído posteriormente pela ilha Pamanzi.

<sup>20</sup> NT: tradução nossa

<sup>21</sup> General e homem de Estado cartaginês que viveu por volta de ~247 - ~183. Culto, com características de príncipe helenístico, Hannibal foi um general muito hábil que provocou a derrota dos romanos em seu próprio território. Um dos maiores nomes da Antiguidade, ele se envenenou quando o rei Prusias I ia entregá-lo à diplomacia romana.

associado simbolicamente à obscuridade, até mesmo às tendências satânicas e aos elementos instintivos do homem. Não esqueçamos que a palavra *ogro* é uma alteração provável de *orc*, do latim *Orcus*<sup>22</sup>, que é o nome de uma divindade infernal.

O nome Han por si próprio merece atenção. Se é afirmado que ele remete ao “singulier rugissement qu’il poussait comme une bête féroce”<sup>23</sup>, ele se assemelha também ao som que acompanha uma machadada. Outrossim, parece ser um fragmento de nome, um nome gritado, um pedaço de nome, já monstruoso por sua própria redução. Han, nome começado por “H”, como Hugo e *hache*<sup>24</sup>, é o ideograma da guilhotina e nos faz pensar em um nome talvez cortado com machado, brutalmente, para nomear o bandido da Islândia, ele próprio sendo alguém que corta cabeças com machados. Um dos instrumentos aterrorizantes que o ogro carrega é uma enorme faca afiada para degolar as cabeças, com a qual ele corta as cabeças de suas próprias filhas no *Pequeno Polegar*, o que não está longe do machado e da guilhotina, que também decapitam.

Cortador de cabeças oficial, o carrasco do Drontheimhus, Nychol Orugix, também é um personagem que se aparenta à figura do ogro e é designado como monstro na narrativa. Mesmo que o personagem de Hugo não corresponda ao arquétipo feérico, sobretudo fisicamente, podemos reconhecer a contaminação com o arcabouço maravilhoso para produzir sua caracterização.

Orugix vive com sua família, mulher e crianças, o que nos lembra claramente o contexto das pequenas ogros do *Pequeno Polegar*. Ele permanece com sua mulher e seus “monstrinhos” (é o próprio personagem que emprega essa denominação para seus três filhos) no lar da torre de Vyglá. A descrição física de sua mulher, grande e vermelha, “com mãos longas e diáfanas”, nos lembra, sobretudo, a descrição arquetípica da figura decrépita e assustadora da feiticeira (lembrando a de *Hans e Grethel* dos irmãos Grimm, por exemplo):

L’aspect de cette femme n’était pas lui-même très rassurant. Elle était grande, son bras élevait au-dessus de sa tête une lampe de fer dont son visage était fortement éclairé. Ses traits livides, sa figure sèche et

---

<sup>22</sup> Nome popular frequentemente dado pelos romanos ao deus da Morte → Hades, Plutão. Segundo René Martin, a forma feminizada (*orca*) resultou na palavra *orque* (masc.), que designa um temível mamífero marinho.

<sup>23</sup> ,NT: “singular rugido que ele soltava como uma besta feroz”. Tradução nossa.

<sup>24</sup> ,NT: machado, em português

anguleuse avait quelque chose de cadavéreux, et il échappait de ses yeux creux des rayons sinistres pareils à ceux d'une torche funèbre. Elle était vêtue depuis la ceinture d'un jupon de serge écarlate, qui ne laissait voir que ses pieds nus, et paraissait souillé de taches d'un autre rouge. Sa poitrine décharnée était à moitié couverte d'une veste d'homme de même couleur, dont les manches étaient coupées au coude. Le vent, entrant par la porte ouverte, agitait au-dessus de sa tête ses longs cheveux gris à peine retenus par une ficelle d'écorce, ce qui rendait plus sauvage encore l'expression de sa farouche physionomie.<sup>25</sup> (HUGO, 69)

Temos ainda uma nítida referência ao imaginário do ogro e dos contos de fadas quando Spiagudry entra na torre, é recebido pela mulher de Orugix – a quem ele deixa escapar expressões e palavras entrecortadas, como “carne humana”, “antropófagos”, “druida”, e percebe no fundo da sala, na penumbra, sobre um monte de palha, os “monstrinhos” de Orugix dormindo. Ele estremeceu e disse no ouvido de Ordener: “três corpos nus e imóveis... três cadáveres de crianças!”, fazendo referência à figura do ogro comedor de crianças.

A casa de Orugix corresponde bem ao antro onde o ogro mora, sombrio e cavernoso. A reputação de seu lar não é muito boa, pois é a casa daquele que executa os condenados à morte (é o criminoso autorizado que pune criminosos não autorizados ou até mesmo os que são assim condenados injustamente). A mulher do carrasco, Béchlie, previne os que pedem abrigo, os quais buscavam se proteger da tempestade. Como dizem os contos, é sempre muito arriscado ir até a casa do ogro.

(...) Que venez-vous chercher parmi les habitants maudits de la Tour-Maudite? Étrangers! ce ne sont point des hommes qui vous ont indiqué ces ruines pour abri, car tous vous auraient dit: Mieux vaut l'éclair de la tempête que le foyer de la tour Vygla. Le seul vivant qui puisse entrer ici n'entre dans aucune demeure des autres vivants, il ne quitte la solitude que pour la foule, il ne vit que pour la mort. Il n'a de place que dans les malédictions des hommes, il ne sert qu'à leurs vengeances, il n'existe que par leurs crimes. Et le plus vil scélérat, à l'heure du châtement, se décharge sur lui du mépris universel, et se croit encore en droit d'y ajouter le sien. Étrangers! vous l'êtes, car votre pied

---

<sup>25</sup> NT: O aspecto daquela mulher não era muito tranquilizante. Ela era alta, seu braço levantava acima de sua cabeça uma lâmpada de ferro pela qual seu rosto ficava fortemente iluminado. Seus traços lívidos, sua silhueta seca e angulosa tinha algo de cadavérico, e escapavam de seus olhos fundos raios sinistros parecidos com os de uma tocha fúnebre. Ela estava vestida a partir da cintura com uma anágua de sarja éscarlate, que só deixava ver seus pés descalços, e que parecia suja de manchas de um outro vermelho. Seu peito descarnado estava coberto pela metade por um casaco de homem da mesma cor, cujas mangas estavam cortadas no cotovelo. O vento, entrando pela porta aberta, agitava acima de sua cabeça seus longos cabelos grisalhos, mal amarrados por um fio de junco, o que tornava ainda mais selvagem a expressão de sua fisionomia bravia. Tradução nossa

n'a pas encore repoussé avec horreur le seuil de cette tour ; ne troublez pas plus long-temps la louve et les louveteaux ; regagnez le chemin où marchent tous les autres hommes, et si vous ne voulez pas être fuis de vos frères, ne leur dites pas que votre visage ait été éclairé par la lampe des hôtes de la tour Vygla.<sup>26</sup> (HUGO, 69)

Orugix é um homem temível e pavoroso, o que se inscreve igualmente nas características do ogro. Seu trabalho de executor da província, que o faz figurar “frequentemente em sinistras cerimônias na praça do Drontheim”, não é acompanhado por nenhum sentimento em relação às vidas humanas que ele suprime. Assim como o ogro, que pensa apenas em saciar sua fome com pequenos aperitivos, o que interessa para Orugix é unicamente o dinheiro que recebe para queimar uma *feiticeira* ou por ter salvado um juiz. Para ele, executar as pessoas faz parte de seu cotidiano como qualquer outra atividade vital. Ele não reflete sobre seus atos e não se questiona sobre seu trabalho. Como o ogro, ele não sente nenhuma piedade pelos outros. Com “uma horrível e irônica alegria”, ele se lisonjeia junto ao padre pela execução de um “pobre coitado” que na mesma manhã ele havia enforcado. Castigar ou executar pessoas é um negócio que traz certo dinheiro, de acordo com os condenados, seus crimes e suas punições. As vidas humanas correspondem unicamente a *écus* e *ascalins*<sup>27</sup>, não mais.

O carrasco tem uma tranquilidade assustadora e sua alegria é atroz. Tal como o ogro, sua mera figura provoca horror e pavor nas pessoas. Seu atributo físico que melhor corresponde ao do ogro concerne ao seu tamanho, completando assim o que faltava ao físico de Han de Islande para melhor caracterizar a figura feérica:

C'était un homme de proportions colossales, vêtu, comme l'hôtesse, de serge rouge. Son énorme tête paraissait immédiatement posée sur ses larges épaules, ce qui contrastait avec le cou long et osseux de sa gracieuse épouse. Il avait le front bas, le nez camard, les sourcils épais ; ses yeux, entourés d'une ligne de pourpre, brillaient comme du feu

---

<sup>26</sup> NT: O que vocês estão procurando entre os habitantes malditos da Torre-Maldita? Estrangeiros! não foram de forma alguma os homens que lhes indicaram essas ruínas como abrigo, pois todos teriam dito: mais vale o raio da tempestade do que o lar da torre Vygla. O único ser vivo que pode entrar aqui não entra em nenhum lar dos outros viventes, ele só se retira da solidão pela multidão, ele só vive para a morte. Ele só tem lugar na maldição dos homens, ele só serve às suas vinganças, ele só existe pelos crimes destes. E o mais vil celerado, na hora do castigo, sobre ele o desprezo universal, e se vê ainda no direito de acrescentar o seu. Estrangeiros! vocês os são, pois seus pés ainda não rejeitaram com horror a soleira dessa torre; não perturbem por mais tempo a loba e seus filhotes; retomem o caminho onde andam todos os outros homens, e se vocês não quiserem ser invalidados por seus irmãos, não lhes digam que seus rostos foram iluminados pelo candeeiro dos anfitriões da torre Vygla. Tradução nossa

<sup>27</sup> NT: *écu*, antiga unidade de conta comum nos países da União Europeia; *ascalin*, pequena moeda dos países nórdicos.



dans du sang. Le bas de son visage, entièrement rasé, laissait voir sa bouche grande et profonde, dont un rire hideux entr'ouvrait les lèvres noires comme les bords d'une plaie incurable. Deux touffes de barbe crépue, pendantes de ses joues sur son cou, donnaient à sa figure, vue de face, une forme carrée. Cet homme était coiffé d'un feutre gris, sur lequel ruisselait la pluie, et dont sa main n'avait seulement pas daigné toucher le bord à l'aspect des quatre voyageurs.<sup>28</sup> (HUGO, 74)

A figura do ogro, tradicional personagem dos contos de fadas, pode, no entanto, facilmente se desprender de seu papel. Desatando-se do maravilhoso, o ogro, segundo Gustave Guitton, evoca a questão maior da perversão: "a irrupção da modernidade no fantástico, a contaminação do conto pelo romance"<sup>29</sup> (apud DE PALACIO, p. 199). O ogro colocaria em questão o direito comum, visto que nele se afrontam a barbárie e a civilização, bem como no caso dos personagens hugoanos.

Por meio do personagem de Orugix, Hugo nos fala da tradição dos carrascos da época na Europa (a ação do romance se passa no século XVII) e de sua importância, para situar os abusos do estado e da igreja. Se Orugix não é o representante do poder, é por meio dele que o poder executa seus crimes bárbaros: as torturas e as execuções capitais mais atrozes, pois ele está encarregado do poder de *cortar* a vida das pessoas. Mas Orugix não usufrui de grandes privilégios da condição de carrasco, que só alguns possuíam. Ele é apenas um "pobre carrasco de uma pobre província", segundo ele próprio. Ele explica sua miserável condição a seus hóspedes:

(...) Ma foi, au diable l'ambition ! j'exerce ici honnêtement mon métier : je vends des cadavres, ou Bechlie en fait des squelettes, que m'achète le cabinet d'anatomie de Berghen. Je ris de tout, même de cette pauvre femelle qui a été bohémienne et que la solitude rend folle. Mes trois héritiers grandissent dans la crainte du diable et de la potence. Mon nom est l'épouvantail des petits enfants du Drontheimus. Les syndics me fournissent une charrette et des habits rouges. La Tour-Maudite me garantit de la pluie comme ferait le palais de l'évêque. Les vieux prêtres que l'orage pousse chez moi me prêchent, les savants me flagornent.

---

<sup>28</sup> NT: Era um homem de proporções colossais, vestido, assim como a anfitriã, de sarja vermelha. Sua enorme cabeça parecia imediatamente assentada sobre seus largos ombros, o que contrastava com o pescoço longo e ossudo de sua graciosa esposa. Ele tinha a fronte baixa, o nariz arrebitado, as sobrancelhas espessas; seus olhos, envoltos por uma linha púrpura, brilhavam como fogo no sangue. A parte inferior de seu rosto inteiramente barbeada deixava ver sua boca grande e profunda, donde um riso hediondo entreabria os lábios negros como as bordas de uma ferida incurável. Dois tufo de barba crespa, pendendo de suas bochechas sobre seu pescoço, davam à sua figura, vista de frente, uma forma quadrada. Esse homem usava um chapéu de feltro cinza, sobre o qual a chuva escorria e no qual sua mão só havia consentido tocar a borda ao ver os quatro viajantes. Tradução nossa

<sup>29</sup> NT: tradução nossa

En somme, je suis aussi heureux qu'un autre : je bois, je mange, je pends et je dors.<sup>30</sup> (HUGO, 79, 80)

Poderíamos dizer então que o personagem de Orugix ilustra bem a decadência do personagem do ogro, assinalado por Vladimir Jankélévitch, como “aquele cuja força, inclusive cuja linguagem, não dá em nada”<sup>31</sup> (apud DE PALACIO, p. 199), visto que todas as artimanhas e as maldades que ele empreende para ser promovido e tudo o que diz no decorrer da narrativa jamais alcançam o efeito normalmente esperado.

No momento em que o carrasco se encontra cara a cara com Han d'Islande, na véspera da pretendida execução do bandido, Orugix encabeça uma justa verbal de atrocidades com ele, como já mostramos, a fim de descobrir quem, dentre os dois, era mais monstruoso ou mais criminoso. Em seguida, muito naturalmente, ele discute com Han acerca da venda de seu cadáver no dia seguinte, tentando negociar sua compra da forma mais vantajosa possível, considerando-se muito malandro. No final do negócio, ele será facilmente enganado por Han d'Islande, provando ter uma inteligência bastante fraca, apoderando-se assim da particularidade do ogro de ser enganado, sendo sempre vencido no fim das contas.

Orugix descobre que o outro condenado com quem ele está lidando é seu próprio irmão, Turiaf Musdœmon, mas que, na verdade, se chama Turiaf Orugix e que ele não via há muito tempo, pois tinham uma desavença. Segundo Nychol, seu irmão seria o responsável pela ruptura de sua prometida carreira. Depois de seu encontro, Musdœmon acreditava finalmente estar salvo da forca, mas Orugix, friamente, se comporta como carrasco, decidido em obedecer às ordens recebidas, fazendo assim seu trabalho e vingando-se de seu próprio irmão.

Orugix acaba executando Musdœmon sem compaixão ou remorso. O crime para ele é um ofício que ele exerce sem se culpar por arrebatrar tantas almas com suas mãos. Ele jamais se mostra perturbado com seus atos, nem enojado com o sangue que

---

<sup>30</sup> NT: Minha nossa, que a ambição vá ao diabo! Exerço aqui honestamente meu trabalho: vendo cadáveres, ou Bechlie faz deles esqueletos, que o gabinete de anatomia de Berghen compra. Rio de tudo, mesmo dessa pobre fêmea que foi boêmia e que a solidão tornou louca. Meus três herdeiros crescem no temor do diabo e da forca. Meu nome é o espantalho das criancinhas do Drontheimus. Os síndicos me fornecem uma charrete e vestes vermelhas. A Torre-Maldita me protegeu da chuva, assim como faria o palácio do bispo. Os velhos padres que a tempestade empurra para minha casa pregam para mim, os estudiosos me lisonjeiam. Em suma, sou tão feliz quanto qualquer um: bebo, como, enforco e durmo. Tradução nossa

<sup>31</sup> ,NT: tradução nossa

faz escorrer. Ao contrário, ele aparenta regozijar-se e matar parece ser seu maior, senão o único talento. Ele não tem respeito pelos despojos das pessoas que profana, comercializa e utiliza da maneira que melhor lhe convém. Depois de ser capturado por Han d'Islande, ele se deixa ser capturado por Musdœmon que, vendo sua perda inevitável, pede a Orugix para que este entregue um pacote de papeis ao conde de Ahlefeld. Acreditando prestar um serviço ao conde e na esperança de ser recompensado com o posto de executor em Copenhague, ele termina por perder seu posto em Drontheimus, e o conde, tomado de raiva e de humilhação após saber do ocorrido, anula seu diploma de carrasco. Esse homem temível e de sangue-frio, alguém que traz a morte, criminoso por vocação e autorizado pela justiça, acaba punido pela fatalidade de forma irônica e quase ridícula – assim como o ogro, sendo privado de seu diploma e de seu direito de executar as pessoas.

As análises feitas aqui sobre a presença do imaginário do ogro em *Han d'Islande* revelam a existência de esboços do maravilhoso no texto do jovem Hugo, evocando de maneira explícita ou implícita, por meio de sinais mais ou menos apoiados, a figura arquetípica do ogro, em suas características as mais diversas, por um tipo de retorno aos contos de fadas no âmago do romanesco. Mas o jovem Hugo opera metamorfoses, “transposições” e “reformas” que ele tece cuidadosamente, amalgamando as categorias e embaralhando os gêneros – como sugeriu De Palacio quanto à atividade literária de certos escritores de fim-de-século, misturando elementos mitológicos e também fantásticos, como a figura do vampiro ou da feiticeira, quer o objetivo da empreitada literária seja sério, paródico ou uma simples homenagem. Nesse sentido, Hugo propõe, no início do século XIX, um novo uso do arquétipo já conhecido do ogro, ao inová-lo e aproximá-lo da modernidade que ainda estava por vir.



## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Junia, **Figures de monstres dans l'œuvre théâtrale et romanesque de Victor Hugo**. Lille: ANRT, 2008
- BOULOUMIÉ, Arlette. « O Ogro na literatura ». In: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. 4ª ed. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- Bible (La)*. Traduzida e apresentada por André Chouraqui. Paris: Desclée de Brouwer, 1989
- DE PALACIO, Jean. **Les Perversions du merveilleux**. Paris: Séguier, 1993
- GRIMAL Pierre. **Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine**. Paris: PUF, 2002
- HUGO, Victor. Han d'Islande. **Œuvres complètes**. Roman I. Edição publicada sob a direção de Jacques Seebacher e Guy Rosa, pelo Groupe inter-universitaire de travail sur Victor Hugo, 15 v. Paris: Robert Laffont, « Bouquins », 1985, 2002.
- \_\_\_\_\_. Actes et Paroles I. **Œuvres Complètes**. Politique. Paris: Robert Laffont, « Bouquins », 1985, 2002
- \_\_\_\_\_. Toute la lyre. **Œuvres complètes**. Poésies IV. Paris : Robert Laffont, « Bouquins », 1985, 2002, VII, 11, p. 451,2
- MALRIEU, Joël. **Le Fantastique**. Paris: Hachette Livre, « Supérieur », 1992
- MARTIN, René (dir.). **Dictionnaire culturel de la Mythologie gréco-romaine**. Poitiers: Éditions Nathan, 1992
- PERRAULT, Charles. **Contes**. Paris: Gallimard, « Folio », 1981, n°1281
- REY, Alain (dir.). **Le Robert Dictionnaire Historique de la Langue Française**. 2t. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1998, t.2, p. 2447,8